



Director literario:

 Augusto de Santa Rita
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

 Eduardo Collares
 PAPUSSE

NOVELA INFANTIL

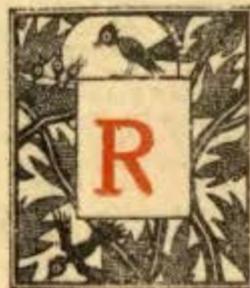
DE MARÇANO A MILIONARIO

A VIDA DUM ROCKFELLER

POR

AUGUSTO DE SANTA RITA
 DESENHOS DE TIO-TONIO

I — A VIDA DUM MARÇANO

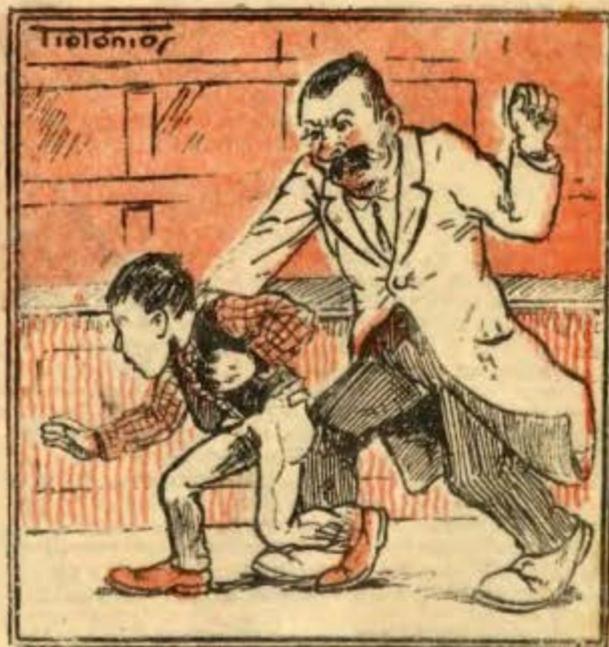


ROQUE era um pequeno de dez anos sem pai nem mãe. Tinha uns olhinhos muito pretos e vivos como os olhos dum rato. Lépidio como um pardalito novo e ágil como um cabritinho recém-nascido. Adorava a liberdade e detestava o patrão: — o ti'Malaquias, o «Sôr» Malaquias que o sovava constantemente e o obrigava a trabalhos forçados, demasiadamente pesados para a sua idade.

O «Sôr» Malaquias ou o ti'Malaquias, como alguns o tratavam, era o dono da MERCERIA CONFIANÇA, cuja seriedade, diga-se de passagem, era muito para desconfiar.

Anafado, pancudo, peludo e vermelho, dir-se-lia, visto de longe, um bicho pré-histórico, mascarado de homem. Tinha uma voz cava, soturna e rouca que contrastava com a vozinha de oitro, duma pequenina entendiada, também já órfã de pai e mãe, cujo timbre, suavíssimo, servia de refúgio aos ouvidos de Roque, saturados do vozeirão aspático e fanhoso do bestial Malaquias. Chamava-se Esmeralda. Tinha uns olhinhos verdes como as pedras preciosas assim denominadas e uns cabelinhos loiros como estrias, à maneira dos antigos pagens, sobre os ombros magrinhos.

Detestava também o «Sôr» Malaquias que râtava por padrinho, embora êle fôsse padraсто apenas o pedido da



(Continua na página 2)

História do príncipe Coelho sem orelhas



por
Maria Pacheco

desenhos de
Tiolónio



florescente reino da Imaginação era há muitos anos governado por um rei muito bondoso, sua Magestade D. Coelho. A rainha adorava seu esposo, mas havia qualquer coisa que a desgostava. Não tinham filhos e o trono perigava por falta de sucessor.

Havia semanas que chovia torrencialmente e Suas Altezas não podiam sair, mas com a volta da primavera, numa manhã deliciosa em que os raios do sol brincavam ao longe,

no topo das montanhas, os reis Coelhos saíram a passear, e a brisa, perfumada de violetas, trazia-lhes o concerto das lindas aves. Foram andando e lembraram-se de ir visitar um grande amigo que habitava na floresta, o grande sábio Pavão, que alvoraçadamente os recebeu.

Conversaram imenso, contando o rei ao seu amigo o desgosto de não ter um bebê coelho. Não te aflijas, (respondeu o sábio) remediarei o mal.

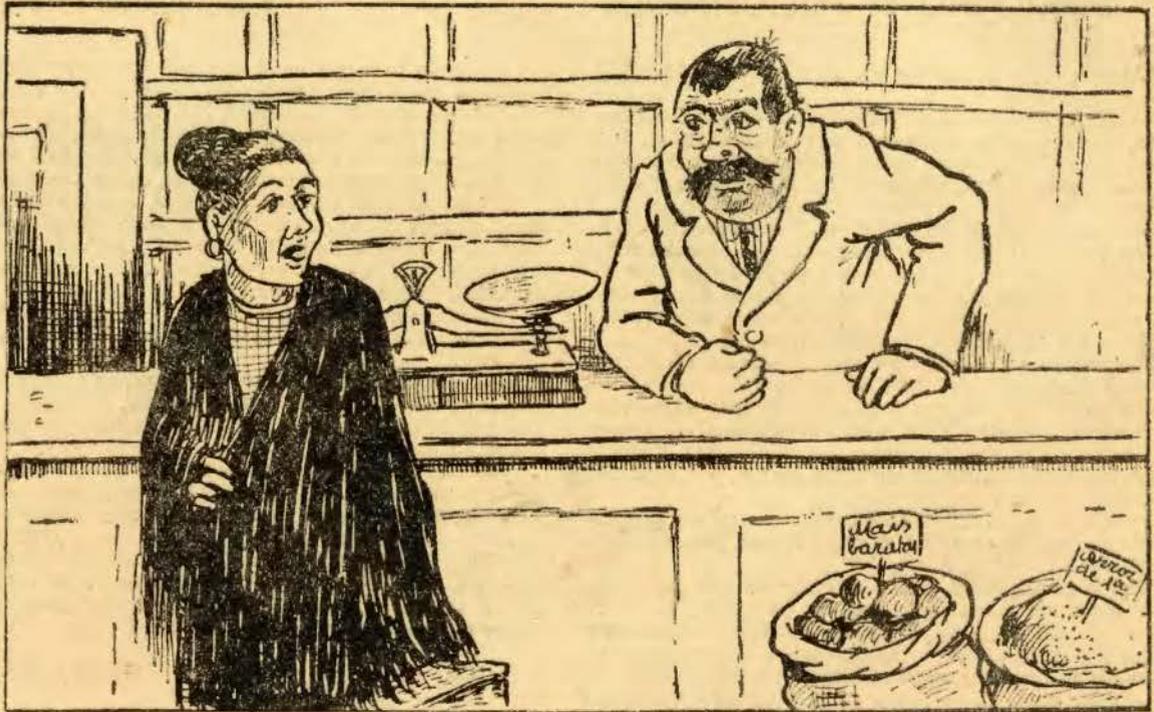
Há anos que estudo nos livros dos feitiços e já estou um grande gênio. Domingo, mandar-te-hei um filhinho, mas com a condição de serem madrinhas as minhas filhas que são umas lindas fadas. Os reis agradeceram muito e apressaram-se a regressar ao palácio, porque a noite aproximava-se tranqüila e triste. Domingo, à porta do palácio chega um mensageiro que, entrando, foi imediatamente apresentado à rainha, a quem ofereceu por mandado do sábio Pavão, um coelhinho lindíssimo, muito branco, numa fôfa cama de couves. Os reis loucos de alegria, desmaiaram. Vieram imediatamente áias para vestir o real bebê, que alegremente sorria à mamã Coelho. Chega o dia do baptizado e, como o rei prometera, as filhas do Pavão foram as madrinhas. A primeira fadou o menino para que fosse a maior inteligência, bondade, elegância e formosura de todo o reino. A segunda fada, aflita, porque sua irmã já o dotara de todos os predicados para triunfar na vida, ficou perpelexa. Achando que seria um aborrecimento as paixões que o príncipe despertaria com tanta formosura, fada-o para que não tenha orelhas.

O Coelhinho foi crescendo e as orelhas desapareciam como por encanto. A rainha não se podia conformar com o

defeito do seu bebê, sendo as orelhas o ornamento que os coelhos mais apreciam. Foram chamados os mais célebres médicos do reino para estudarem o fenómeno que se produzia no príncipe. Porém desanimados de não descobrirem remédio algum, abanavam os rabinhos e retiravam-se. O príncipe saía pouco e o povo ria-se do defeito que êle possuía. Resolveu um dia ir passear à floresta e enamorou-se da filha mais nova do Pavão, mas a falta das orelhas tornava-o tímido e não conseguiu declarar-lhe o amor que por ela sentia. Entrando no palácio, contou aos pais a paixão que o devorava e suplicou-lhes que fossem pedir em casamento a menina. Os reis, como não recusavam coisa alguma ao Coelhinho, foram falar ao Pavão, que muito contente chamou a filha que logo aceitou a nobre proposta dos reis Coelhos. Já os sinos repicam festivamente. O príncipe Coelho vai casar, mas com orelhas postiças. Enquanto o padre Pato os abençoa, Coelhinho oferece à noiva um lindíssimo anel de esmeraldas e ela, levantando a varinha de condão, diz: — Eu te fado para que te nasçam as orelhas, mas ainda que despertes as maiores paixões, o teu amor será só para mim». O príncipe arrancou logo as orelhas postiças e qual não foi o espanto quando viu umas grandes e lindas orelhas que lhe davam um aspecto encantador. A cerimônia acabou e o cortejo dirigiu-se para o palácio enquanto no azul puríssimo do céu, bandos de borboletas iam voando alegremente.



F
I
M



DE MARÇANO, A MILIONARIO

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 1)

saúdosa mãezinha que lhe morrera em dia de Nossa Senhora, ia fazer dois anos. E porque o detestava, e não tinha, como Roque, mais ninguém no mundo a quem se afeiçoar, toda a sua ternura ia para o companheirinho de amarguras: — o pequenino marçano.

Primavera!... Sete horas da tarde. A fachada da tenda do ti'Malaquias, voltada para o poente, é agora toda batida por um pálido e frouxo sol que, iluminando a taboleta onde se ostentam a lêtras côr de fogo as palavras: — **MERCEARIA CONFIANÇA**, e entrando pela porta estreita, torna doiradas as sacas de arroz, de grão e de milho, em face do balcão a todo o correr da loja.

Emquanto vai servindo uma freguêsa que, vigilante,

atenta e precavida, se não deixa roubar no péso, Malaquias ameaçador, bufando e olhando de soslaio Esmeraldinha que timidamente vai embrulhando as compras da freguêsa, rosna de si para si: — «que grande sova, que grande sova que êle me vai levar!»

E já, num incontinido furôr, dá largas ao desespero: — «Ai, Ti'Eufémia, o maldito ingrato dá-me cabo do fígado! Há quasi três horas que o mandei à vila, à entrega das compras. O alma-danada que só me dá prejuizo! Com o que tenho gasto a sustentá-lo, podia comprar um burro, ó Ti'Eufémia, um burro de carne e ôsso!

E então agora que há-de vir a ser mais?! (exclamou, noutro tom, aviando a freguêsa, para, poucos momentos depois, nõvamente exaltado, prosseguir: — «Com êle e com esta delambida...» — (e ti'Malaquias apontava agora Esmeraldinha que, cheia de susto, instintivamente, erguera um braço em defesa). «Até podia comprar... eu sei lá

(Continua na página 4)

CORRESPONDENCIA

Guilherme Silveira Cabral, Renato Antonio Rijo, Celes-tino Ferrão, Antonio Marques Pereira, Jaime Ferreira Mar-tins, Antonio Assunção Sampaio, Manuel Andrade Beires Junqueira, Maria Eugénia Fernandes, Constantino Rodri-gues Duarte, Maria de Lourdes Pinto Cardoso, José Rodri-gues dos Santos, Maria Helena de Macedo e Brito, Amadeu Calado de Macedo e Brito, Vasco de Macedo e Brito, Rodolfo de Macedo e Brito, Eduardo de Carvalho Vasques, Candida C. Carvalho Sousa, Julio Carlos Reis Flores, Mario de Carvalho Esteves, Maria Ludovina de Deus e Silva, Antonio José de Figueiredo, Helena Julia Trindade, Sebastião Maria Garcão, Venancio Antonio da Silva, Alonso da Silva Pestana, Manuel Luiz Neves, Manuel Pires d'Almeida, Antonio Vieira Barata, Augusto Sobral, Eduardo Neves, Ro-

mero Teixeira Sampaio, Alberto Monteiro da Silva, Joaquim Alves, Guno Bettencourt Theotônio Oereira.

Os desenhos destes colaboradores veem a lápis.

Só a tinta da China e papel sem linhas.

Tambem os não devem colorir a lapis de côr.

Jaime Henrique Santa Barbara — Não calculas meu caro «sobrinho» a devastação que a *filoxera* fez ás tuas flores...

Vamos a ver se regando-as bem ainda se salvam. Mas estão tão fraquinhas...

Maria do Rosario — Então a tinta preta? Assim não serve.

Dionisio dos Santos — O tio Tônio é tio Tônio para toda gente.

Antonio Graça Junior — Não sou Eduardo Malta, O meu nome é... Tio-Tônio.

Com mais 3 tostões pedia para a Administração o numero que lhe falta e estava informado.

Francisco Antonio Boaventura — Tem dois defeitos o teu desenho. E' copiado e não representa assunto do concurso.

Rua do Seculo, 43—Lisboa

TIO-TONIO



lhe as mãos: — «Acabou-se! Não estou para aturar mais a besta do Malaquias! Inda se fôsse meu pai... Mas não me é nada; vá-se para o inferno! Vou fugir, Esmeralda! Porque não vens comigo?!»

— «É's maluquinho, Roque! Fugir para onde?! exclamou, timorata, a pequenina, como se Roque lhe tivesse proposto irem deitar abaixo uma enorme montanha.

— «Para Lisboa», acrescentou, resolutamente Roque, com o ar mais natural do mundo.

— «Estás doido, rapaz! — (observou a pequena com vivo pasmo nos olhos) — e o dinheiro?! É muito cara a viagem. É como havíamos nós de lá viver depois?! Estás doido, Roque, estás doido!»

Mas Roque entusiasmado, exclamou decidido: — «pois se não queres vir, irei só! Um homem sempre ganha dinheiro em qualquer parte!»

«Mas tu não és inda um homem!» juntou, prudente, a pequenita, tentando dissuadi-lo.

— «Deixá-lo; hei-de ganhar a vida de qualquer modo. Depois, daqui a meia dúzia de anos, hei-de cá tornar, quando já fôr rico — é de ver! — para casar contigo. Havemos ainda um dia de viver num palácio! Queres?!...»

— «Se não havia de querer!» balbuciou, a sorrir e incrédula, a Esmeralda, acrescentando numa vaga ironia: — «Vai sonhar a dormir que estás sonhando acordado!»

— «Quem sabe se inda virei a ser um Roque... feller» Roque já eu sou; não falta tudo!» exclamou, já a rir, o pequenino ousado que, poucos dias antes, na mercearia tinha ouvido ler uma notícia biográfica sobre Rockefeller, o grande Rei do Petróleo, conhecido aqui-milionario americano.

Era numa parte da cave o compartimento que servia de quarto e arrecadação de caixotes, o miseravel aposento em que ambos dormiam. Com o corpinho moído pela grande sova que apanhara, três minutos depois, Roque adormecia. Sobre outra enxérga, num canto oposto, Esmeraldinha, impressionada pela bárbara scena a que assistira, não conseguia conciliar o sono. Soprou a luz do côto. Ouviu, ainda por algum tempo, os passos pesados do Malaquias, no pavimento superior, e o trancar da porta, até que, finalmente, adormeceu também.

O luar entrava agora pelo postigo, incidindo sobre os loiros cabelos da adormecida, como uma auréola divina numa cabeça de anjo.

Roque e Esmeralda sonhavam... Ela que Malaquias se tornara em gigante e Roque num anjo, um transformado em bola, a que o gigante dava constantes pontapés, jogando o «toot-ball» sózinho e rindo às escaucasas.

Ele, que puzera em prática o seu plano de fuga e se encontrava em Lisboa, no quarto de um grande hotel, contando e recontando um grosso maço de notas. Assim estiveram sonhando por largo espaço de tempo, até que, finalmente, Roque despertou. Deviam ser três horas. Estregou os olhinhos estremunhados, acendeu o cotinho da vela, lançou em volta o olhar e, caindo em si, reconheceu que o seu quarto de hotel não passava de um sonho. Sentiu-se na cama e, descalçando-se — (pois não se tinha despido) — a fim de não acordar a Esmeraldinha, começou a encher da sua roupinha velha — a única que tinha — um saquinho feito de remendos que a mãe lhe fizera um pouco antes de haver falecido. Feito isto, foi buscar um pequenino saco que tinha escondido debaixo da enxérga, onde tinha guardados trinta e seis mil reis e que era o produto integral de seis meses de ordeuado a seis mil reis por mês. Meteu o dinheiro num bôlso e resolveu fugir.

Antes, porém, de deixar Esmeraldinha, pôs-se a olhar para ela, enternecido, e dispôs-se a deixar-lhe uma lembrança. Subiu à mercearia, tirou uma porçãozinha de amêndoas de um boião de vidro, meteu-as dentro do saquinho donde tirara o dinheiro, tendo-o previamente forrado com papel de seda cor de rosa, e deixou sobre o balcão três mil reis como pagamento ao Malaquias da compra que fizera. Desceu de novo ao quarto, colocou o saquinho entre os dedos da querida companheirinha, sem a acordar, deu-lhe um leve beijo na testa, saltou por uma janela e, já no meio da rua, pôs-se a andar sem destino. Um lindo luar banhava toda a aldeia.

— Mas para onde havia ele de ir — (pensava) — com tão pouco dinheiro?! Lisboa era o seu sonho; mas Lisboa ficava a tantas léguas!...

Nisto... teve uma idéa!

(Continua no próximo número)

SONHO MÁGICO

POR JORGE RAMOS

Desenho de Tio-Tónio



NIA, a mais bela princesa do reino da Fantasia num berço em renda inglesa sonhou ter uma riqueza como outra não existia.

Descera ao fundo do mar num raio de luz, doirado, e logo foi encontrar enorme concha a brilhar como um prodígio encantado.

Essa concha deslumbrante como uma flor que desperta dum sonho ao luar brilhante, lentamente, fascinante, fulgindo, ficou aberta.

Da pérola maravilhosa que dentro estava guardada, saiu, toda cor de rosa, uma rainha formosa há mil anos encantada!

— «Num castelo feito de ouro, —(disse ela)— guardo o mais belo, o mais fulgente tesouro que pertencem a um rei mouro, E' na lua esse castelo!»

«Vou chamar os meus guerreiros... se quiseres vem comigo» (E eis surgem mil cavaleiros gigantes, aventureiros, que descrever não consigo...)

Atravessaram desertos, com tempestades de areia cavando abismos incertos tal como alcapões abertos ao luar da lua cheia

Sobre as asas dum mosquito que tapava a luz do sol como um bloco de granito, voaram no Infinito pelo espaço brando e mole.

O rei da Lua—um sultão de labaredas vestido, corcunda, velho e anão sobre núvens de algodão histórias conta entretido.

As estrelas que o ouviam em volta do grande trono, ouvi-lo atentas fingiam. Algumas, raras, sorriam pestanejando com sono.

Um corneta de libré toda em veludo e cristal tomava às vezes rapé; tinha mil anos e até dir-se-ia aqui...-imortal!!

A rainha e a sua gente, conduzida por um pagem, foi ao castelo imponente; indo uma enorme serpente adiante a abrir a passagem!

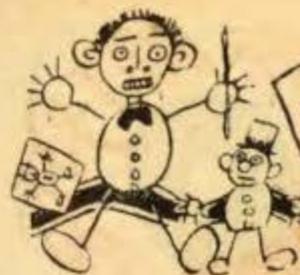
Nia julga que delira: Mil caixas com mil brinquedos em prata, oiro e safira! Até parece mentira ter tudo à ponta dos dedos!

Um monstruoso elefante de coral e de marfim, leva o tesouro brilhante e caminha, vacilante, sobre os astros de setim...

Nia à Terra quer' saltar, —que grande ambição a sua!— para o gigante apanhar.

.....
E dá um salto... a sonhar, acorda... tomba da lua!

F I M



Desenho Infantil -

por TIO TÓNIO

PRIMEIRO CONCURSO DE DESENHO INFANTIL

Damos a seguir o nome dos premiados no concurso de desenho infantil e a respectiva classificação:

1.º José Rodrigues Redondo Junior, de Figueira da Foz — 13 anos de idade.

2.º José Augusto Alves de Moura Cardoso, de Lavos — 12 anos de idade.

3.º Constantina Gomes, de Extremoz — 13 anos de idade.

4.º Carlos Gama, de Lisboa — 8 anos de idade.

5.º Rosália Ivone, 7 anos de idade.

6.º Maria Amélia Ferreira dos Santos Erze, de Louzã — 14 anos de idade.

Pedimos que nos *enviem com urgência* o retrato dos 1.º, 3.º, 4.º, 5.º e 6.º classificados, para que seja publicado.

Não estava determinado dar prémios aos primeiros classificados do nosso concurso.

Contudo resolvemos, como prémio pelo seu trabalho, conferir-lhes livros infantis, que lhes vão ser enviados.

No próximo número faremos menção de outros desenhos, que, apesar de fracos, revelam também muitas qualidades artísticas.

Palavras Cruzadas

PROBLEMA

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	O		S	E	C	U	L	O		R
2		M	E				E	S	S	E
3	P	O	R		E	C	O		I	T
4	I		R	A		Ã		A	N	A
5	M	E	U		J	O	R	N	A	L
6			R	A						
7	P	R	E	D	E	L	E	C	T	O

• MORENITA •

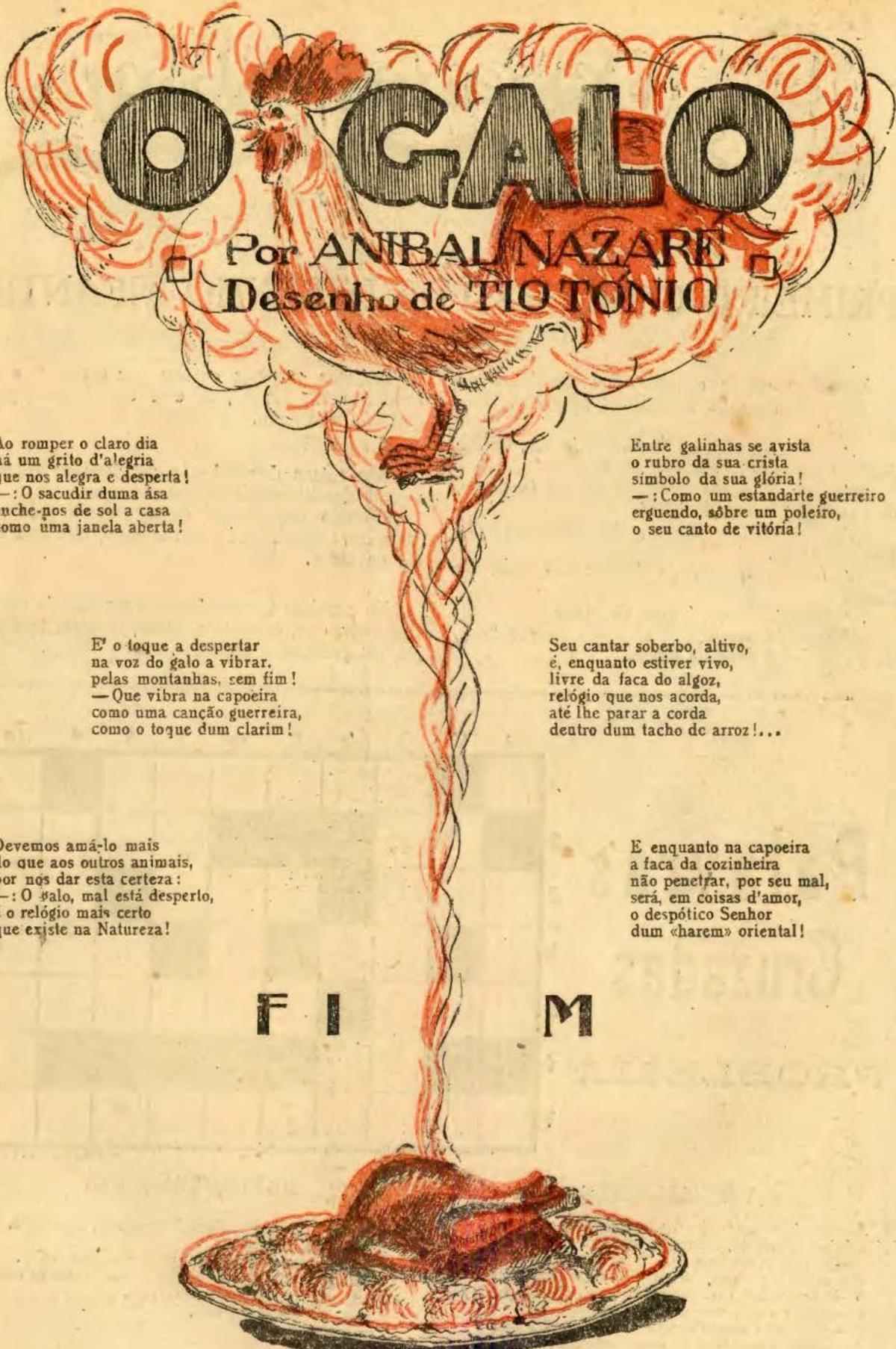
VERTICALMENTE

- 1 — vogal, o que tendes à vista, consoante.
- 2 — pedra de moinho, vogal, consoante.
- 3 — fechadura em francês.
- 4 — verbo ser, vogal, prefixo latino que denota direcção.
- 5 — terceira letra do alfabeto, vogal, consoante, vogal.
- 6 — última vogal, animal doméstico, consoante.
- 7 — pretexto, consoante, indicativo do verbo ser.
- 8 — artigo, duas letras de ano, consoante.
- 9 — destino, letra que muitos precisam no testa...
- 10 — pedaço cortado.

HORIZONTALMENTE

- 1 — artigo masculino, jornal português, consoante.
- 2 — balido, pronome.
- 3 — preposição, som que repete, pronome inglês.
- 4 — vogal, batraquio, pronome pessoal, nome de mulher.
- 5 — pronome possessivo, periodico.
- 6 — batraquio, consoante.
- 7 — preferido.

A solução vem no próximo número.



O GALO

Por ANIBAL NAZARE
Desenho de TIO TONIO

Ao romper o claro dia
há um grito d'alegria
que nos alegra e desperta!
—: O sacudir duma âsa
enche-nos de sol a casa
como uma janela aberta!

Entre galinhas se avista
o rubro da sua crista
símbolo da sua glória!
—: Como um estandarte guerreiro
erguendo, sôbre um poleiro,
o seu canto de vitória!

E' o toque a despertar
na voz do galo a vibrar,
pelas montanhas, sem fim!
— Que vibra na capoeira
como uma canção guerreira,
como o toque dum clarim!

Seu cantar soberbo, altivo,
é, enquanto estiver vivo,
livre da faca do algoz,
relógio que nos acorda,
até lhe parar a corda
dentro dum tacho de arroz!...

Devemos amá-lo mais
do que aos outros animais,
por nos dar esta certeza:
—: O galo, mal está desperto,
é o relógio mais certo
que existe na Natureza!

E enquanto na capoeira
a faca da cozinheira
não penetrar, por seu mal,
será, em coisas d'amor,
o despótico Senhor
dum «harem» oriental!

F I M

